

***Poemas de Goiás, de Goianos, do
cerrado
e outros sertões,
Extraídos do livro
DIÁRIO DE CAMPO***

GOIÁS

*Para Carmo Bernardes onde a vida de Goiás
é uma fala cheia de vida.*

9 de julho de 1976

do alto a igreja avista

Luziânia de Goiás

Do alto do morro a igreja vigia Luziânia.
Sentinela desarmada no meio da noite desmedida do Planalto
a igreja dos negros do Rosário vigia e abençoa a cidade.
Escoltada pela sombra esguia de três coqueiros
A igreja vela a memória do Arraial de Santa Luzia.
Ontem, que caminhos foram os de bandeirantes e viajeros
de arma em punho, que a cidade ainda espera
no poço fundo dos guardados de arca e cofre,
perdidos rumos, riscos de chegar?

Do primeiro morro, do primeiro sono
dos ermos recantos da noite a cidade revive
banzos e cantos de esquinas dos negros do ouro.
Mas que ouro houve e que negros nessas terras verdes
dadas do pequi, ao milho e ao cristal de rocha?
Pouco mais que nada, ouro que uma brisa da manhã
Carrega em agosto e perde pelos atalhos do cerrado.

Por isso a cidade-caminho foi posto, pasto de passagem
da romaria, dos viajantes sem fim das tropas dos gerais,
passantes com os olhos num ponto sempre além de Luziânia:
tropas, tropéis, bois e boiadas pelas trilhas de Santa Luzia.

O que a igreja avista do alto do seu monte
são campos de mortos, cemitérios do sertão
onde o tempo rói com igual fome o pó de brancos e escravos.
O que a cidade vê com os olhos de vigia da torre da igreja
é a sobra antiga, o mofo da estrada dos caminhos palmeados,
traços entre riachos, poeira de mapas roídos
e os riscos do acaso sobrados da memória,
restos de estórias perdidas do Planalto.

23 de janeiro de 1980

sertão, sertões

Santo Antônio dos Olhos D'Água

Aqui é um lugar avulso
que ainda não foi feito
por isso alguma coisa sempre
continua acontecendo.
Mesmo quando é meio-dia
o sol é quente e incendeia
almas do mundo e das gentes.
Mesmo quando é mais tarde o dia
e a vida parece parada no ar.
Aqui é um canto esconso
da esquina do estranho. Um rumo
que não foi trilhado ainda e onde
tudo o que veio existir de vivo —
o corpo da terra, o mato, bichos
e pessoas — existe devagar.

27 de janeiro de 1980

uma ave voa na manhã

Goiás Velha

No miolo da manhã em Vila Boa de Goiás
um papagaio verde avoa apressado
prás eiras de um canto de/encontros
dos ermos de um lugar de bichos.

Quem do chão olhasse essa ave solta
esticando com o voo de arte livre
o fio da linha do trilho azul do céu
haveria de pensar:

- nesse vôo eu iria se pudesse
passarinho do meu próprio viajar,
passarado do andejo mundo afora
passaredo da pressa de chegar.

12 de fevereiro de 1980

Brasília, caminhos de sair

(para o Hugo, um de lá)

Brasília é bom caminho de sair:
setas, estradas, vias, traços finos
sinais entre trilhas que costuram
seus mundos fora no cerrado, no sertão.

Os em volta da cidade sitiada
entre ruas e verdes do horizonte.

Brasília é bom em riachos de entre grotas:
corguinhos d'água, vertentes, fios de prata
do sem-fim das planuras que a cidade
fotografa e retoca o ano inteiro
entre secas de julho e águas de janeiro.

É bom Brasília nos caminhos tardos
Da terra que sobrou aos camponeses.

É bom no seu trabalho, longa espera
de que um deus frutifique roça e pasto.
Jeitos de amanhos que salvam a cidade
(entre edifícios, patrões e burocratas)
De se perder inteira. De uma vez.

27 de janeiro de 1982

alguns fogos, algumas roças

São José de Mossâmedes

Quando amonta na mula amansada do vento
e viaja serra acima, do sopé à cumeeira
o fio da coivara é uma linha fina
de um tecido de algodão laranja
que a brisa mansa do sudeste tece
e a palha seca do cerrado empina.

Um fino fio carmim de fogo ralo
noite após noite costurando a colcha
de um arvoredado seco e ressecado
que cobre encostas de serra e pedra
por onde a custo sobe o fogo do alfaiate.

O oposto dele é o fogo de armadilhas
que apronta o guerrilheiro seu irmão
quando desce a serra entre matas e grotas
e contra a espada dos capins do pasto
aponta e atira facas de aço em brasa.

Cavaleiro que a onda de si mesmo
à noite monta e na manhã cavalga ao vento,
fogo-potro bravio a galope em disparada
contra o verde e o seco. Guerreiro
irado com a sua foice erguida
cortando a fogo os fios do mato vivo.

28 de dezembro de 1981

as flores aprendem com as pessoas

São José de Mossâmedes

O ouro vivo dos ipês de agosto
amanhece os matos de Mossâmedes.
No trilho dos remansos da manhã
a água fria do cristal dos córregos
desceu a serra e fez descer em fila
as flores que bordam os pequizeiros.
Outros ipês do mato mais adiante
pintam de roxo o piso do arvoredado

Sob os troncos cerzidos no cerrado
há tapetes estendidos com as seis cores
que a natureza aprendeu a entretecer
espiando das janelas os teares
das casas das mulheres-fiadeiras.
Quintais onde se fia tingem e tecem
o tecido sem-fim dos fios alados
que a cultura dos “sem-letra”
escreve e assina.

Nessas roças de fazendas entre matos
a natureza fia o que a cultura tece
e a memória das duas não esquece.
De modo que entre campos e povoados
há coberturas de copas e de colchas:
flores de panos que as pessoas fazem
e as plantas da floresta veem e imitam,
sob um claro de coivaras pelas serras
entre o sol do dia e o luar de agosto

29 de dezembro de 1982

viver do ouro, viver de sobras

Cidade de Goiás

Faz um rosário de anos e mais anos
desde quando o ouro das areias que escorriam
entre as águas quentes desses riachos acabou.
Como a mesma areia entre os dedos do menino
findou de uma vez o ouro-em-pó que por um século
trouxe a riqueza e casos de desgraça
a casas de adobe que ficaram velhas
na face oeste da Serra Dourada.
Perdidos pelos sem-volta dos caminhos
que, um dia trouxeram da costa
querosene, sal e escravos,
os ricos e pobres do lugar fugiram da vida
ou migraram com tropas de mulas e tralhas
para povoados do norte. Lugares mornos
onda rios mansos de águas lamacentas
ao contrários desses arroios cristalinos
tem um sujo bom de lama que a cada ano renova
o chão onda o arroz cacheia o ouro do grão.
Migraram para os ermos cantos escondidos
onde sei diz que “boi vira brabeza”:
grotas e vãos, buracos dos baixios de serra.
Com as sobras do ouro que possuíram
Os coronéis do lugar compraram alqueires
de onde hoje os filhos e netos expulsam
os filhos dos filhos dos peões meeiros,
a descendência do camponês do passado
a quem os mitos dos pais dos avós
disseram que depois do fim do *tempo do ouro*
reinou por ali por muitos anos, a *idade do ouro*.
Um tempo inesquecido nas sagras dos velhos
quando todos plantavam por direitos de posse e uso
e mesmo os pobres do mundo lavravam sem tributos

as terras dos outros e de todos.

Um *tempo antigo* que a lembrança da roça
não quer esquecer, quando por anos e anos
sempre setembro esparramava aos ventos
por todos os cantos, por todas as casas,
o cheiro solidário de um fogo interminável
de queimadas entre alqueires de campos sem cercas.

29 de dezembro de 1981

beiras do Rio Vermelho em Goiás

Vila Boa de Goiás

Um bando de pombas-rolas e anus-brancos assustados
voou de uma margem à outra do rio Vermelho
na curva onde depois de passear pela cidade
o rio volveia uma última vez antes de sair.
Fugindo do tremor de meus passos na terra
as aves deixaram por alguns momentos
a sombra que usam às onze horas da manhã
e outra vez colocaram o poço da curva do rio
entre o domínio da natureza e o da cultura.

Do outro lado havia um bando de bois e burros
em estado de graça, mastigando um verdor
de pastos de dezembro em ano “bom de água”.
Do lado de cá havia um longe de meninos pretos
cujos bisavós cavaram com os punhos o leito do rio.
Havia velhas lavadeiras de beira de poço que o turista
procura prender em fotos de domingo.
Mulheres magras que na cabeça equilibram sem pressa
“malas” de roupas, trouxas e “amarríós”
dos “serviços” antigos dos pobres do lugar.
Vinham em filas de silêncio pelo fio das trilhas
que o passar do tempo rabisca no espaço
entre as últimas ruas e as praias do rio.
Elas passam pelo pasto onde o sol de Goiás
e as flores do cerrado abrem todo o ouro

que sobrou há cem anos, desde quando se conta
que um bando de paulistas iludiu com artimanhas
os filhos dos sábios dos índios goiás.
Onde houve outrora senhores e escravos
as lavadeiras de “cocra” na beira do rio
lavam e quaram séculos de roupa suja.
A nudez dos meninos das eiras de fome da cidade
atesta a todos que afinal se habita um tempo de paz
de uma gente esquecida de “bandeiras” e “senhores”
que recria na praia, com gestos de terça-feira,
uma história antiga que houve muitas vezes
antes de tudo acontecer.

14 de fevereiro de 1982

vôos a oeste

(entre São Paulo e Goiânia)

No tempo em que as coisas eram feitas para o homem
os aviões voavam baixo e do alto se via a olho nu
a repartição do reino dos seres do mundo:
as matas que por milhões de eras cercaram o homem
o eram agora cercadas por eles e a lenta
demarcação dos seus territórios de conquista.

Aquele foi um tempo em que o homem e a terra
Estavam sempre em luta e se amavam muito.
Muitos anos mais tarde quando os voos a oeste
Voavam roçando o topo dos morros
era possível vislumbrar do alto
os estragos do amor e os afagos da guerra
que entre um e a outra sempre houve.

Pelo vão das nuvens, em voo de vizinhos s
e via então sobre aqueles terrenos de batalhas
entre os filhos do homem e os matos,
frutos do amor secando ao sol.

24 de janeiro de 1982

o ofício de plantar

Santa Luzia — Minas

Todos os outros ofícios dos milênios
misturam a matéria da terra com partes mortas de seus frutos
e disso fabricam o testamento dos bens do homem:
o tijolo de barro, a roda de aço, a mesa de madeira.
Só o teu ofício mistura terra a própria terra
e atira nela o grão vivo que morre e renasce
em multiplicações do próprio fruto.
Por isso os ofícios dos outros são artes de ciência,
alquimias aprendidas nos porões dos magos do norte
que transformam nos fornos e bigornas dos senhores da terra
os metais do mundo. Mas o teu é o único exercício humano
que recria da vida a própria vida molhada de janeiro.
E os senhores sabem que fazer a vida brotar do silêncio
do orvalho e do trabalho é terrível,
porque a vida persegue os poderes e as armas
e ameaça o passo dos guerreiros errantes.
Por isso fazes artes de profeta e és um sábio anunciador.
Por isso os grandes te vigiam de perto e te fazem servo
e te tomam por maldito, condenado a viver fora do castelo.
Por isso contra ti lançam exércitos e juízes de toga.
Por isso te temem pelas gerações e fazem de ti —
sagrado como um caminho de terra molhado entre duas pontes —
um exilado sempre expulso da terra que trabalhas.

24 de janeiro de 1982

o semeador

Santa Luzia

A noite não demora na morada do escuro,
ela anseia o claro alvorecer da manhã.
Estava o semeador de auroras sulcando a aragem da terra
com riscos de um fio invisível
que somente tecem e sabem tecer
as mãos hábeis dos rituais do amanhecer.
E alvorava de elo trabalhar, curvado sobre a terra,
a suave equação que de grão em grão movia
a complicada arquitetura do universo.
Ali. Como se a história das coisas e homens
a cada dia nascesse de novo desse gesto ancestral,
pois todas as coisas são o que o homem planta
e *cultura* é o nome dado ao que ele colhe e canta
enquanto corta a braçada de cereais.
Estava o semeador de auroras
dizendo um a um os seus nomes
aos frutos que iam nascer.
E como quem dá o nome dá a vida,
pronunciava sussurros de um rito sagrado,
como um mago vestido do branco alvo da neblina.
Não como um lavrador de três alqueires.

12de abril de 1982
festas de colheita
Caldas

Rasguei o calendário. No sou homem que conte os dias
do campo correndo com a ponta dos dedos a fila dos números.
Olho as estrelas. A variação da luz do cosmos
e a posição de alguns astros na nave do céu
me diz a era dos meses. Meu tempo são as estações,
sou homem de lavrar.

Duas vezes por ano chego à janela e digo aos da aldeia:
celebrai aos ventos as vinhas de outubro!
preparai o corte dos instrumentos de ceifar!
celebrai, digo, as chuvas do verão e os frios do inverno!
A cada tempo a sua festa, mesmo quando há fome.
Há um tempo de viajar as mãos no ventre das mulheres
e há um tempo de vesti-las de lã e aconchegá-las
junto no fogo. Do mesmo modo, digo aos da aldeia,
com os mesmos gestos rituais não se pode celebrar
o tempo em que sobre a pele do solo se ara o chão
e aquele em que a ceifadeira corta o caule do trigo.
Não há mês como abril, digo aos que colhem.
As colheitas passaram e passou o tempo da quaresma.
Celebrai, grito da janela, os cereais de março!
Olhai os campos de pastagem! Vede os capins!
Antes de serem todos os anos, desde o começo dos tempos,
ao sol de maio e aos frios de julho secos e queimados
o que há de mais belo do que a sua floração?
Que roseiras sacodem no jardim dos ricos flores mais finas?
Celebrai, digo aos que colhem, as sementes que jogam ao chão!

14 de junho de 1979

situações de plantar e colher

São José de Mossâmedes

1.

o jeito goiano de plantar com a mão

o que o mato dá sem mágoa

e o cerrado sem cobrar:

pequi, caju, mangaba, madeira, mel de abelha

dedos de graça, catados com a mão cheia

dos repentis de amor da natureza

que não cabem no *arrendo* nem na *meia*

e não põem placa de “vende” na parede.

2.

a lei paulista de plantar com o arado

o que a roça dá com avareza

e o dono cobra à vista:

milho, feijão, arroz, soja e aguardente

“dados” em fero trato feito à *meia*

sob o dedo do poder do fazendeiro

que existe às custas do trabalho alheio

em casa grande de fazenda e tulha cheia.

5 de janeiro de 1982
povoados de camponeses
Abadia de Goiás

Este não é um lugar de reis:
não são nomeados, não existem.
Se algum houvesse, quem entre
esses homens rudes acostumados
a reis de Natal e reis de Negros
curvaria ante a sua coroa a sua frente?

16 de fevereiro de 1982
nomes, mortes
Cidade de Goiás

Muitas mortes há.
E o doce manto da noite estendido sobre os fogos do dia
não as oculta. A algumas podemos resistir com o ofício
ancestral de nossas armas naturais: arados, foices e violas.
São os nomes das mortes da fome que quando somos livres
não resistem seis dias ao poder do trabalho e da terra.
Essas mortes queimamos aos sábados em fornos de barro
de onde as mulheres retiram tabuleiros de pão.
Muitas mortes há.
E mesmo a brisa na madrugada vinda, a que dobra o tênue
tecido da noite não a espalha. Para outras são exigidos
os usos de terços e rosários que as velhas da aldeia
desfiam entre os dedos. Preces que fazem a seres que não vemos,
mas que estão lá, porque as velhas que sabem dizem que estão.
Outras não enfrentam o poder dos magos que temos,
homens que dançam o a quem obedecem as estrelas.
Os que salvam dos terrores do oculto as tribos de que somos.

Muitas mortes há.
E até mesmo o sol que desvela a poderes de fogo
Os nomes do inverno dos seres do mundo não as decifra.
Porque há mortes sem nome conhecido.
Mortes com o nome oculto dos segredos que os sábios
que temos nos contaram. Por isso essas mortes nos matam
e pelos contos da aldeia catam nossos filhos.
São mortes que chegam de fora e aterrados perguntamos:
como vencer os poderes do que não sabemos nomear?

13 de fevereiro de 1979
a consciência de classe
Cidade de Goiás

Enquanto lavrava a golpes
de machado o poste de aroeira
o preto lenhador chamado Berto,
nascido no Faina, perto de Cavalo Queimado,
apontava com o dedo o dono
ao longe da serraria e dizia assim:
“camisa dele quem dá é o meu trabalho”.
Se diz que o machado do preto
era o mais afiado e certo do lugar.
E a fala também.

3 de junho de 1979

o canto do trabalho

São José de Mossâmedes

Antes do mutirão na antiga aldeia
de São José de Mossâmedes
os homens da terra chegaram com a madrugada
cantando com violas e violões o canto da “traição”
na porta do casa do lavrador, vizinho e compadre.
Depois da manhã, durante todo o tempo do trabalho coletivo
de limpa do campo atrasado para o plantio do grão de arroz
havia gritos de avisos e troças de uns para os outros.
E havia longos momentos cheios da luz dos cantares do eito,
quando parece que a voz de todos aumenta o poder do braço
sobre a enxada e a terra vermelha do cerrado
inventava ser mais macia quando os homens lavram
cantando no seu corpo
No fim da tarde, quando o trabalho da limpa acabara
e o campo ficou pronto para o sono da semente,
os homens do adjutório voltaram de novo para “casa do dono”
com as cabaças de água vazias
e os instrumentos da roça nos ombros.
Voltavam juntos cantando canções do trabalho,
músicas de uma memória antiga, que se canta só naquela hora
Num gesto cheio de flores do campo e rituais
os homens do trabalho devolveram o “dono do serviço”
à “dona da casa” e beberam nos mesmos copos pinga de alambique.
Depois da janta de arroz-com-pequi e carne de leitoa
formaram na sala do rancho as duas filas da catira
e cantaram e dançaram noite adentro
batendo palmas e sapateando a alegria da hora.
Quem passasse apressado na estrada poderia dizer:
“Essa é uma gente arruaceira que farreia e não trabalha”,
Mas um canto invisível de viola na noite poderia dizer:
“só o povo canta assim o seu trabalho; só o povo canta durante
o trabalho; só o povo festeja o trabalho coletivo e canta depois dele”.

Porque ele não perdeu ainda a força ancestral
de conviver com os fluidos da terra,
e só ele faz e refaz o rito sagrado de arrancar dela,
mais do que os frutos da terra, a doce fruta do trabalho solidário.
E somente os ritos naturais do homem
merecem cantos coletivos de louvor e de esperança:
antes, durante e depois.

23 de maio de 1977

o semeador meeiro
São Félix do Araguaia

os cristais polidos
dos grãos de arroz
escondem a história
das trocas do semear
e as leis do esforço
de quem semeou.

Inventa mentiras
à mesa do jantar cama
essa massa branca
e branda na boca
sobre o ardor do duro
fazer fundo o sulco
e plantar como servo
pelo chão o resto
do pouco que sobrou.

diamante múltiplo,
muitas vezes único,
furta o arroz no saco
do papel de celofane
e memória da safra
feita em “trato à meia”.

joia fina à venda em feira,
objeto raro de relojoeiro,
o grão polido e lapidado
do colar das contas do arroz
nada conta do que seja
plantá-lo em terra alheia.

8 de janeiro de 1980

ofício de fiar

Goiânia

um

o tecido que velhas mulheres fazem, fiadeiras de um saber arcaico cuja origem ninguém pergunta. a urdidura que torna pano a polpa branca enovelada do algodão. a roca que as mulheres do sertão pronunciam “roda” e se faz rodar sem descanso desde a madrugada sob o compasso binário do pé esquerdo da anciã.

dois

não há arabesco mais ágil que o do desenho dos movimentos das pontas dos dedos da mulher fiadeira. e que outro ser de todos os continentes torna mais útil dos jogos da manhã do que a fiadeira tecelã? aqui é onde o ruído da roda a rodar enovela os fios vegetais da fibra que alguma manhã de maio colheu há um ano. falo da arte e do amor.

três

penso na estima que se devem ter esses corpos frágeis de louça viva, mulheres a quem alguma doença do sertão sempre torna débil e que se tocam com carícias de cumadres sem apertos e beijos no rosto, quando antes do trabalho se encontram e se abraçam quase com medo do que fazem. sinais de carinhos vestidos de silêncios. falo da estima. falo de uma qualidade de amor que entre si têm as pessoas da terra e certas espécies vegetais com que convivem por milênios de gerações.

quatro

que bailado é mais rude entre as danças de roça do que esse baile diurno: solo que a fiandeira faz com o só compasso dos tambores do tear o as flautas finas das lançadeiras do fio de algodão? Dança que ela própria toca no órgão de que é maestro e prisioneira, de pé, sobre os dois paus das pisadeiras move a tecelã o corpo com a precisão de uma tropa de soldados enquanto os braços jogam de um lado para o outro, no mesmo compasso binário que rege todo o ofício, a embarcação da lançadeira. barco que faz viajar sob o tecido em que a trama na dança faz o fio de linha fina de algodão. Falo de ritos do trabalho nos sertões de Goiás.

26 de janeiro de 1981

três instrumentos de lavrar

Goiânia

a. o machado

nada há mais certo
do que o golpe
desse parceiro da morte.

b. o arado

de tanto escavar os veios da terra
e polir entre os seus ossos minerais
o seu aço, brilha sob o sol de março
a sua lâmina — vela do sulcar.
é seu o ofício de navegante de um mar
onde o barco faz o rumo e a onda,
marola que lhe afia o fio da proa
apontada sempre para o lado do campo
onde o porto da noite vai chegar.

c. a ceifadeira

a luz da estrela mais próxima
brilha no fio dessa arma cortadeira.
na mão ágil do ceifado” de arroz
a lâmina recurva corta e recorta
e no curvo do aço que lhe dá o ofício
arranca aos punhados, quando vai e volta,
o buquê dourado da flor do grão do arroz.

20 de setembro de 1981

do alto sobre o cerrado

Entre Minas e Goiás

Há um duplo tapete de artesão
estendido ao vagar dos olhos
de quem viaja ao pôr-do-sol
sobre o Cerrado em setembro.

O avião voa acima do cinza
do bordado de linha feito a mão
que o horizonte costura
e a tarde pinta.

Uma colcha de ruas e avenidas
que o mago das seis horas traça
a lápis, retoca e depois tinge
com o pincel rebelde do arco-íris.
Do branco de noivado ao verde-sonho,
do verde ao roxo escuro da quaresma,
esse pintor da tarde tece a tela
que do avião se avista da janela.

No chão da terra o olhar atento
vê o tapete dos barros dos Gerais
que as chuvas de dezembro repintaram
na paisagem que junho deixou ocre.

Entre montes pequenos e outros montes
há por toda a parte ali sinais dos homens:
campos de pastos e campos de plantio
que a altura do voo torna planos.

Ali é um jeito humano quem cobre
a tela dos alqueires do Planalto:
o Havana escuro da fina geometria
da escrita do arado sobre a terra,
sob o molhar da chuva, do sereno
que em tudo desvenda um tom mais denso:
o verde tenro do milho de novembro
e o verde escuro do milho quando adulto,
o amarelo-palha do seco fim da safra
antes que ao campo dissolva o alaranjado

do fogo das coivaras e seus ventos
A tudo a seu tempo o viajante assiste
de um voo à tarde sobre o reino do homem
e sua mania ancestral, estranha, acesa,
de plantar e pintar tudo o que existe.

5 de agosto de 1980

de um trem mineiro

Entre Campinas e Uberlândia, depois do Rio Grande

Só um trem caminhando noite adentro
e entrecortando a manhã das estações
divide a noite e o mundo
em pedaços, meio a meio
entre os trilhos da tropa dos vagões.

Só em rumos de trem vereda afora,
viajantes do mar até o sertão,
há vidraças abertas e há vigias
dos mistérios do vento às virtudes
de viajar entre o rio e o coração.

A moldura do trem aberta invade
as pautas do ponteiro dos Gerais,
as aves piam, o trem escuta, o sol se esconde
há uma curva depois de cada curva
e outra curva depois de cada ponte.
A noite é o que o trem inventa dela
e xilografa no quadro da janela.

Há um pouco de trem em cada coisa
que o viajero avista na vidraça.
As imagens de há pouco são o que resta
do que o trem risca e rabisca *sob* e *sobre*
os alqueires do céu de cada terra
por onde passam o trem e a sua festa

21 de setembro de 1981

do alto sobre

Entre Goiás e Minas

Viajo sobre a pele de uma lavoura
de algodão aberto em flores brancas,
semeadura que todos os anos desde os começos do homem
o alfaiate que tece os roteiros do mundo
alinhava de novo nas varandas do céu.
Lá em baixo o papel das nuvens é tão igual
que parece haver sido impresso a mão.
O lado onde o sol descansa desenhou um risco
interminável do laranja-da-pele ao amarelo-do-verão
e eu nunca vira antes uma linha tão fina
na roupa de domingo do horizonte.
Por cima do liso das nuvens o crepúsculo
não é tão desmesurado como os de agosto em Goiás
e depois dos dias e noites quentes de lá
não é tão aceso nem tão humano.
Mas, como raro, é um fino fio de luz

que de uma ponta à outra do firmamento
borda no pano o tecelão do céu:
um fio de linho que aos poucos
passa do branco ao branco escuro
e do escuro que há no branco ao negro,
que é a mais pura cor da noite.

Festas da Roça *(calendário incompleto)*

*Ao “povo dos Bentos” e outros povos,
“nações” de foliões e violeiros dos
cantos sonoros de Goiás*

Natal

os cegos o as putas
estavam atentos aos sinais.
foram eles que viram a estrela
e elas avisaram aos pastores
com quem antes pelos campos
havam feito o amor
que Jesus havia vindo.

Santos Reis

Foliões viajeros treze dias na estrada
de casa em casa tocam e cantam a notícia
de um menino, um rei, no sei,
que nasceu longe há muito tempo.
Levam violas e palhaços e viajam a nova
da festa que fazem a seis de janeiro.
O morador de cada rancho recebe a Folia,

pega a bandeira e pela casa inteira
desfila as bênçãos que se crê que ela traz.
Alguns choram pelos cantos, outros cantam,
outros palmeiam no tabuleiro da sala uma catira.
Todos comem juntos da mesma comida igual
e se abençoam com antigos gestos e poesia.
E entre si trocam bens e bênçãos
solidários roceiros, solenes devotos de reis
que entre si repartem a mesma crença
pela qual os bichos e outros seres têm nomes
e os acontecimentos do mundo têm sentido.

Semana Santa

Um deus morreu, é preciso lembrar.
Mas é aos mortos do homem
que é preciso salvar.
No meio da noite das sextas
da Quaresma, encapuzados
aos bandos de branco e violas
passam pelas casas onde há
velas acesas e silêncios nas portas.
Ali cantam e pedem que cantem e rezem
pela alma dos mortos
que vagam pela terra.

Festa do Divino Espírito Santo (crenças que alguns contam)

Virá o tempo em que um deus terreno e solidário
renascido do amor que sobrar entre os pobres
e recriado na alma do alvoroço dos homens
inundará o espírito dos seres da terra.
Tudo e todos serão outra vez revestidos
de um sinal de estrelas marcado na fronte.
O prenúncio de uma era anunciada por profetas
em que os fortes serão mortos e os fracos, eternos.

São João

Botas de couro cru que temos pisam o sereno da manhã
e nossas mãos feitas do liso calo das armas de lavar
empunham viola e objetos de crer.
Somos os que, desembarcam nos campos do amargo
e carregados de aços todos os dias
refazemos a mesma guerra contra os astros
e os poderosos da Terra. Mas aqui nessa noite,
à meia noite entre santos e devotos sem letras
o tapete de brasas ardentes aquece a alma e o terreiro,
e nós, homens de fé ali andamos descalços
uma vez e muitas, som dor, sem sofrer,
sem saber se pisamos em brasas ou flores.

Finados

Os mortos são tantos que os vivos
precisam trabalhar noites sem fim.

O Bendito de Mesa

Pegar esse canto pelo braço. Erguer
essa reza pelo ponto do corpo mais difícil,
a parte mais acesa do rezar.
Envolver o Bendito na armação pura da voz.
.Enovelar o fio das sete notas, seus bemóis,
com o aço do laço puro da fala e seus anzóis.
Cantá-lo só e desenvolto sem violas
a oito lavradores do sertão.
A oito vozes diversas de goianos,
pássaros de um grave acento antigo.
Rezadores de Reis que com a mão
desfiam da mesa em volta à volta longe
de serras, campos e povoados,

o sagrado que se canta na oração.
Cantar o canto a plena pura voz,
V a toda inteira vontade de cantar
Como se acaso a voz, o canto e a prece
tomassem conta de mais de meia vida
dessa gente vida afora usada e havida
no silêncio dos ofícios do lavrar.

18 de julho de 1980
situações de sob e sobre
Cidade de Goiás

1ª situação

O espiral da espera
acolorado à beira
do poço da esperança
olha e no fundo dele
vê na água a sua face
de velho e de criança.

2ª situação

Na beirada do poço da memória
se entrevê embaixo a roca
fiadeira do fio da linha d'água
que fia, no oco dos guardados
do que a vida um dia foi e fez,
ela mesma: fiada, acesa, havida.

3ª situação

os tardos traços
da vivência:
a tabuada de comos
e porquês

a soma que começa
de ás a jotas
e termina
de erres até zes.

Notícias do Norte

*Para alguns que vivem e lutam no Norte,
“na caminhada”, eles dizem.*

16 de março de 1982
o martelo agalopado
Olinda

O colosso de cabras e cavalos
no convívio do cobre com o cangaço.
Os ensaios dos magos do castelo
E a farinha na cuia do alarido
Dos invernos do povo, do amarelo
Que no cano dos tiros é atirado
Quando o susto da fome faz os fogos
Dos cantares dos gritos do martelo.

Os cuidados de tê-los e cavá-los
Com ferreiros e ferros, com os aços
De artefatos de espadas e cutelos
E o afiado das facas, o retinido
De mortes que eu escuto, vejo e velo
Nas carreiras da vida e do pensado
Entre os verdes das almas e os seus mofos
Nos espantos dos golpes do martelo,

O que arrasa lá montes e, cá, valos
A poder de seus feitos e meus faços.
Os anseios dos reis, os seus anelos
Por reinados malditos, malferidos.
Seus temores do tempo e seu novelo
Nos repentinos do povo revoltado,
Revirando dos remos seus estofos
Nos acessos dos braços do martelo.¹

-
1. Eu nunca teria escrito esta pequena aventura nordestina se não tivesse ouvido uma noite quente em Olinda, na casa de Paulo Esmanhoto, depois de haver caminhado ruas e ruas dos cantos de lá, um disco do Quinteto Armorial, Uma das músicas era um Marte/o A galopado, escrito por Ariano Suassuna. Para que o leitor saiba do que falo — ou sobre o que canto — transcrevo abaixo os escritos do Suassuna.

O galope sem freio dos cavalos
Os punhais reluzentes do Cangaço
A prata dos bordões, no seu traspasso
O pipocar do rifle e seus estralos.
O sino, os seus toques de badalo
Nas onças com seus olhos amarelos
O lajedo que é trono e que é Castelo
O ressoar do mundo — essa onça parda.
O vento, o sangue, o sol, a madrugada
E eu tinindo o galope do martelo.

Na prisão destas pedras fui atado
Aos olhos garça do uma cega fera.
O sangue da pobreza é uma pantera
Que estraçalha meu peito injustiçado
Onde reina a justiça do Sonhado
Senhores do barão e do Castelo
Ele vem, e eu, ao fogo do flagelo
Mesmo em dura prisão assim metido
Na cadeia dos anos vou detido
Retinindo o galope do martelo.

E as abelhas, o mel acre e dourado
O angico, o tambor e a baraúna,
A concriz auri-rubro, a caraúna
Os cardeiros de frutos estrelados.
Chora a vida: ‘ai meu sangue assassinado!’
Grita o mundo: ‘na pedra eu me cinzelo!’
E o tempo: ‘tudo queimo e esfarelo!’
Quanto a mim, aos açoites da Virola
Vou nas cordas de prata da viola
Retinindo o galope do Martelo.
(*Sete Flexas*, Quinteto Armorial)

30 de setembro de 1981

seca/cheia: dois rios do norte

Marabá — beira do Itacaiúnas e do Tocantins

No espelho da seca o Itacaiúnas
monta castelos de pedra. Pontes
que o passante cauteloso atravessa
de um lado ao outro do rio a pé.

O Tocantins arranca do seu leito
roçados de quintais de areia,
um outro rio ao lado, criando praias
que junto ao rio correm até a cheia.

Em setembro se veste o Itacaiúnas
de um manso riozinho de lavadeiras.
Os meninos tratam o rio como riacho,
como um irmão, um igual de cama e mesa.

Maior, o Tocantins nem por isso mesmo
faz as lonjuras do oceano que esconde
até quando, depois das águas de janeiro,
encosta o corpo no pilar das pontes.

Sobem juntos os dois rios na cheia.
A tudo inundam de águas e refazem
ilhas do que era há pouco continente
e das ilhas, jazigos de ave e gentes.

Marabá entre os dois afina ainda
a fina língua de terra de que é.
E do que sobra sobre a água junta
seus vivos: os seus salvos da maré,

uma gente do sul do Pará, acostumada
a existir entre os rostos opostos dos rios
os tempos de marido-e-mulher e cheia-e-seca
que água e areia tecem com os seus fios.

1.º de outubro de 1981

meninos catam mangas a pedradas

Marabá

Setembro amadurece mangas em Marabá
mas a fome dos meninos vem de maio.
por isso tem pressa e se arma de pedra.
Desde seis horas da manhã eles acordam
o dia a pedradas — tiros de estilingue
que varam a copa das mangueiras
e se não topam com os muros de uma manga
poderiam varar folhagens do infinito
e derrubar a ponta doce de algodão
da Estrela d'Alva.

A fome da seca fora de hora faz somas
com a fome diária da miséria rotineira,
por isso os meninos a quem ela assusta
esperam dezembro com as alegrinhas
de festinhas roceiras de Natal.
Então os viventes mirrados da beira dos rios
se banham nos vaus de antes das enchentes,
viajam nos mundos de entre um rio e outro,
catam bichos, mangas e mangabas,
os mil recursos das matas do Norte.
Mais adiante ajudam pais a colher na roça
braçadas de mãos de milho verde.
Por toda a parte há prenúncios do episódio
de quando o sol madura frutos e grãos
e a fome faz tréguas de Ano Novo
com os migrantes dos matos do sertão.

13 de julho de 1979

**posseiros de são félix do araguaia
cavam trincheiras na mata**

São Félix do Araguaia — Mato Grosso

As garças traçam mais lentos os voos sobre o rio
e as chuvas de dezembro anseiam renascer a terra.
Há flores que desde abril guardaram ocres e azuis
e a primavera espreira o toque de invadir de novo os campos.
Não obstante há silêncios no Norte e entre ranchos
viaja o sussurro de que é preciso resistir.
Aguçar a faca dos olhos à presença do inimigo
e cavar fundo trincheiras pelo chão da mata.
Cavar trincheiras nos fundos da noite
na mesma “quadra” onde em outros tempos
esses eram dias de arar no campo o vão da semente.
(Porque diverso do Araguaia divertido
onde se vai pescar e beber pinga
existe um rio subterrâneo de guerrilhas
de uma luta posseira sem descansos).
Cavar trincheiras com mãos tão cheias de ternura
e com enxadas, armas feitas para o dia da colheita.
Cavar na mata buracos que escondam das balas do Sul
o corpo multiplicado do lavrador-posseiro,
migrante de muitas terras, sempre mais a Leste.
Agora não é um tempo de tardes mansas no sertão,
embora caiam no teto dos ranchos chuvas de dezembro
e pelos campos e quintais haja balaios de mangas e pequis.
Agora não é de novo um tempo de trabalho e festa:
plantar no chão da várzea grãos de milho e arroz,
fazer na capela do *patrimônio* a *festa da santa*,
pescar nos remansos do rio o pacu e a pirarara.
Esse não é um tempo de rezas mansas,
de ladainhas de santos e terços de rezadeiras e beatas.
Semente agora é o corpo do semeador — josés do mundo,
pequenos grãos de vida jogados no fundo das trincheiras
como o sinal que acende, dentro da terra, lutas do povo.

Gritos coletivos que avisem aos invasores
a força sem fim do desespero, porque o cemitério que há
na beira do rio em São Félix do Araguaia
não cabem mais corpos e cruzeiros dos mortos do sertão.
De pouco valem os sinais de paz da natureza no Araguaia,
porque finalmente este é um tempo de resistir,
e se o corpo magro de um povo um dia armado
é como uma festa de santo feita às avessas
nenhuma outra é tão santa como essa festa de fé na luta
do homem que resiste nas trincheiras que cavou
nas sombras dos sem-fins de Mato Grosso
de onde sabe, sabemos todos, saberemos,
sairá um dia o verdadeiro plantio do lavrador do Norte:
semeadura guerreira de esperança dos livres,
colheita posseira de terra e liberdade.

22 de junho de 1981

orações de posseiros

Goiânia

ao pessoal das beiras do araguaia

Resistir, irmão, lutar,
são outras maneiras
de existir, modos de amar,
razões de crer.
Há dias em que o fuzil
na mão do posseiro
é a ferramenta
mais útil do viver.
A faca que leva
o sertanejo dependurada
na cintura
e com que luta e sangra,
é como a cruz que crava
e onde reza,
e é sua reza e benzedura

29 de setembro de 1981

notícias de oeste

Marabá

Chegam notícias da banda oeste do sul do Pará.

Pelas águas enormes por onde navegam as canoas
chegam notícias dos quadrantes do sertão:

os posseiros sem terra se armam

e cortam fios das cercas do arame farpado.

Gentes “sem eira nem beira”, lavradores,

frágeis homens de aço que ali foram com os avós

plantar roças de cereais,

escondidos nas matas da beira dos rios

resistem ao fio do cerco dos jagunços.

Resistem aos poderes da polícia que chega de avião

e prende um povo armado de enxada, foice, peixeiras

e espingardas de caça.

Contra o cerco dos arames e leis do poder das fazendas

que envolve o posseiro com redes de ferros estendidas

de que modo cortar os fios das tramas do mal?

A polícia invade com patrulhas de cruzados malditos

ranchos de palha de onde “em nome da lei” requisita

os artefatos da revolta que os patrões temem em São Paulo:

facões do mato, espingardas pica-pau, linhas e anzóis

E dali expulsam com ordens de despejo dos juízes vendidos

um povo errante da “bandeira verde”, acostumada

à rotina de vagar sempre mais a oeste

em busca de uma terra sem ouro e diamantes,

mas de solo fértil e livre de jagunços.

Uma terra livre, enfim, uma “Terra Prometida”

onde a bandeira verde e o aço das enxadas

possam ser plantados para sempre

num largo verde de capim batido

onde as crianças corram e cresçam em paz.

Três irmãos Bento, de Goiás

(lavradores do sertão, dois vivos e um morto)

1. Quim Bento

não sei na lembrança o nome
dos cantos por onde andei.
sei, no coração, dizer o nome
das coisas que nunca vi.
essa é a minha maior sabedoria.

2. Bastião Bento

sabia lavrar uma roça de tudo
e curar dos bichos qualquer coisa.
foi carapina e é o melhor fazedor
de cercas de curral.
de dia maneja os sete instrumentos
da Orquestra do trabalho.
foi *gerente* de Companhia de Reis
e mestre nos ofícios de Folia.
era sábio e manso nas terras
de Mossâmedes e pelas fazendas
por onde passavam os devotos foliões
deixava no ar uma estranha espécie
de amor roceiro que nunca ninguém
soube dizer de onde vinha.

3. Nego Bento

Lavrador do arraial de Americano do Brasil
foi um dia o catireiro mais nobre
dos sertões do mato grosso goiano.
morto, terá esquecido sons que fabricou
a vida inteira: toques de viola,

batidos roceiros do palmas e pés?
e na alegria de quando de novo se armam
nas noites de janeiro os pousos “dos Três Reis”,
recordarão os companheiros da *Companhia*
esse que foi o mais alteado entre os nomes
dos cantadores goianos de catira?

Percival Moreira

(lavrador, compositor e violeiro de Goiás)

ponteio na viola o pesar da terra
mas faz anos esqueci canções de amor.
fui moço e cantava modas e toadas
dos amores das moças do sertão.
mas a romaria dos homens desvalidos
expulsos dos povoados onde enterravam
em dezembro sementes e em março os seus mortos
invadiu minhas rimas e o tom do meu cantar.

3. Posseiros dos sertões do Norte

Menos do que o grito
de um macaco, o tiro
da arma do jagunço
quebra o velório da mata
enquanto mata o posseiro.
Irmão. Irmão,
de quem a terra bebe o sangue?
Em nome de quem as flores
do sertão esperam
uma outra primavera?

4. Gringo, em Conceição do Araguaia

Ninguém imagina que Gringo
seja o nome de um lavrador
do Norte. Um militante da luta
dos posseiros armados de armas
e bandeiras no Sul do Pará.
Mas também ninguém espera
que um mestre de todos como ele
pudesse morrer um dia
em Araguaína, no sertão de Goiás,
onde as praias do rio são
sem fim e as areias claras,
com duas balas semeadas
nos sulcos das costas.
Morrer sem tempo de ver sequer
a cara dos jagunços, peões pagos
com a sobra dos ganhos do capital.

5. Tião, em Itapirapuã

Companheiro de luta
enxada e viola, Tião
morreu em setembro de manhã.
Militante que fora vida afora
não morreu de bala como o Gringo
um pouco antes,
um pouco mais ao Norte.
Lavrador goiano
morreu de “mal de Chagas”
bala que o *povo da roça*
carrega nos escuros do corpo.
Violeiro, faz tempo que perdera
a regra da força de cantar.
Manso lavrador de arroz e milho,
piedoso guerreiro goiano, usava óculos

e escrevia — coisa rara — a lápis
com letra boa, a trova das canções
que aprendemos a cantar “na caminhada”.
Lavrador, militante de viola em punho,
morreu cedo a morte de pobre,
um dia em setembro de manhã.

*Revisto na Rosa dos Ventos
No dia 14 de setembro de 2016.
Passa o tempo!*

Carlos Rodrigues Brandão